

Veículo: FOLHA DE S. PAULO - SÃO PAULO - SP
 Data: 31.08.90
 Página: E-9
 Seção: MÚSICA / ESTRÉIA

ACONTECE NO FIM-DE-SEMANA

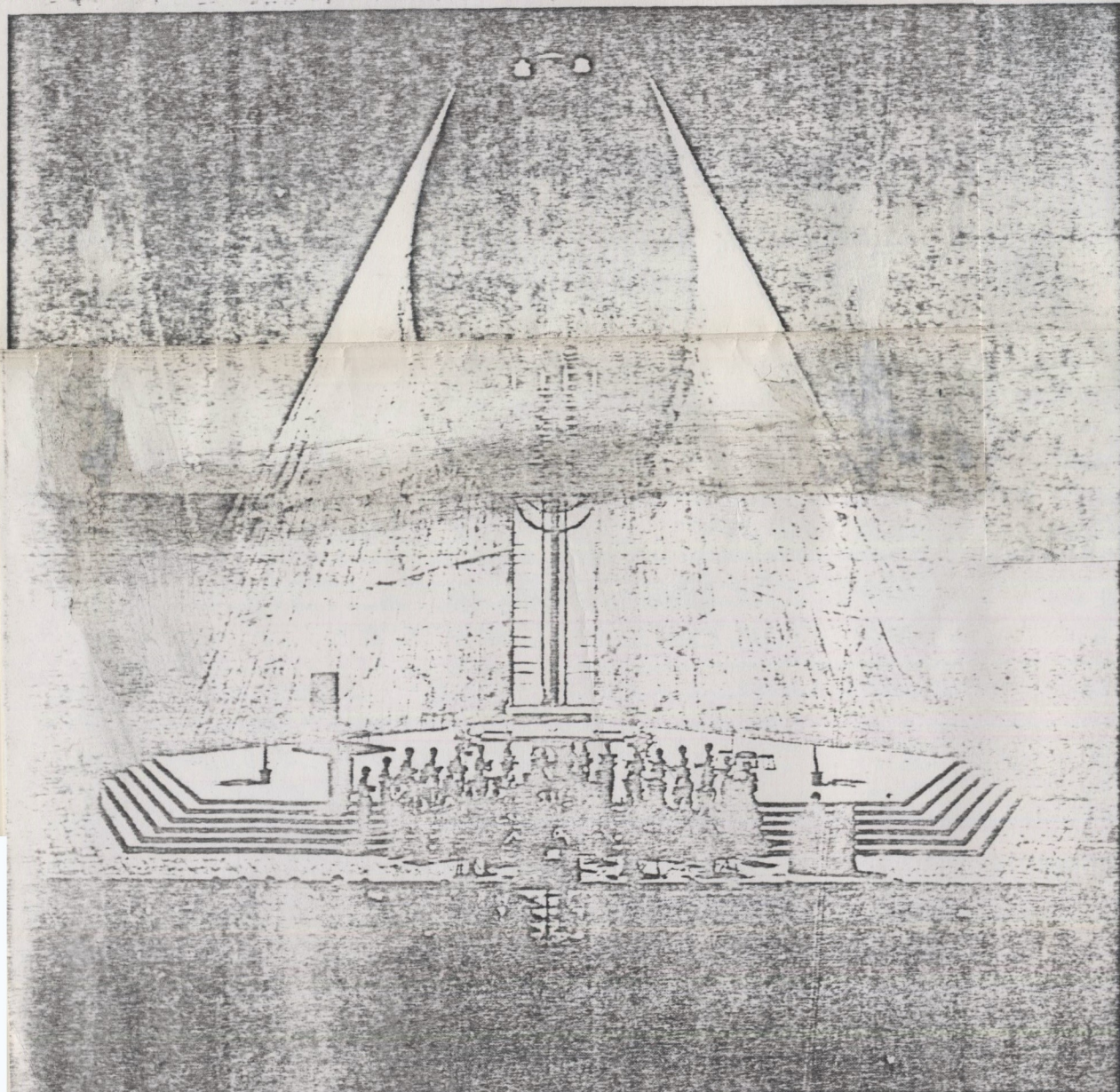
MÚSICA/ESTRÉIA

Concerto faz soar a estética de Koellreutter



Compositor H.J. Koellreutter ao lado do globo de acrílico que contém 24 módulos de sua composição "Acronon", que será interpretada hoje, amanhã e domingo pela Orquestra Experimental de Repertório no encerramento do Festival Música Nova

Fotos: Coleção Particular Koellreutter



Apresentação da "Paixão Segundo São Mateus", de J.S. Bach, em versão com instrumentos de época dirigida por Koellreutter na catedral católica de Tóquio, em 69, durante terremoto



Como solista de flauta em 60, Koellreutter toca para os indianos uma sonata de J.S. Bach;

LUÍS ANTÔNIO GIRON
 Da Reportagem Local

ORQUESTRA EXPERIMENTAL DE REPERTÓRIO - Três concertos de encerramento do 26º Festival de Música Nova, com regência do compositor e professor H. J. Koellreutter. Programa: "Relatividade 2. op. 74", de Lindembergue Cardoso; "Acronon", de H. J. Koellreutter (solista de piano: Nahim Marum); "Bachianas Brasileiras nº 7", de Villa-Lobos. Hoje e amanhã, às 21h, e domingo, às 16h30, no Masp (av. Paulista, 1.578, tel. 251-5644). Ingressos: Cr\$ 300,00 e Cr\$ 150,00 (estudantes).

O 26º Festival Música Nova encerra com três concertos da Orquestra Experimental de Repertório no Masp. O maestro convidado para reger os eventos é o professor e compositor Hans-Joachim Koellreutter, cujo 75º aniversário, domingo, coincide com o terceiro concerto.

Koellreutter vai homenagear os compositores Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e Lindembergue Cardoso (1939-1990), regendo peças sinfônicas que acha significativas na produção dos dois. O maestro fará também a primeira apresentação em São Paulo de sua obra "Acronon" [leia texto abaixo], que define como o "resultado de uma nova imagem do mundo e de uma nova estética".

A "nova estética" —baseada no conhecimento de culturas musicais orientais e de investigações do universo subatômico— é relativista, do impreciso e do paradoxal. Defende a transcendência do tempo medido, comum na música ocidental.

"O tempo é um fator a ser vivido e não calculado", analisa Koellreutter. "Ele não existe como fator físico. É a quarta dimensão criada pelo espírito humano para relacionar as ocorrências cotidianas". Ele chama suas composições de "planimétricas", sem hierarquias fixas.

Dia 25 de setembro, ele conduzirá, no Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam), no Rio de Janeiro, sua obra mais recente, intitulada "Wu-Li", para voz, oboé, clarinete, trompa, bandolim, contrabaixo, sintetizador e percussão. Segundo ele, a obra é aleatória e sintetiza como nenhuma outra seu percurso: "A palavra chinesa 'wu-li' tem cinco significados e todos eles se identificam com a minha atividade. Quer dizer 'estrutura da energia orgânica', que, para mim, é música; 'meu caminho', para mim o estilo; 'contra-senso, absurdo', minha estética; 'insisto em minhas idéias', a coerência que procuro manter; e 'revelação e iluminação'".

Apesar do pregado "paradoxo", a vida de Koellreutter tem a

lógica linear de uma sinfonia de Haydn. Alimenta o mesmo pensamento desde os anos 60, quando começou a compor de acordo com o que ele havia assimilado em suas dezenas de viagens à Índia, Japão, Indonésia e África, realizadas a partir de 1953.

"Mas desde os 18 anos tinha inclinação para o mundo aberto", diz. Ele nasceu em Freiburg, Alemanha, em 2 de setembro de 1915. Começou a compor aos 15 anos, ao estilo de Schubert e Debussy. No fim dos anos 30, estudou em Berlim com Paul Hindemith (1895-1963) e procurou compor como o mestre. Ganhou a vida como virtuose da flauta, excursionando com Darius Milhaud (1892-1964).

Quase perdeu-a como militante antinazista. A Câmara de Música do Reich cassou-lhe a nacionalidade e mandou prendê-lo por tocar músicas de judeus vanguardistas. Exilou-se na Suíça, estudando dodecafonismo com o maestro Hermann Scherchen (1891-1966). Em 1937, fazendo uma turnê pela América do Sul, resolveu ficar no Brasil porque gostou das pessoas.

No Brasil, sem nem mesmo passaporte, começou suas aventuras como pedagogo [leia texto logo abaixo]. Foi preso pelo governo Vargas, depois vendeu guarda-chuvas e papel-carbono em São Paulo. Em 1939, fundou o movimento Música Viva, o primeiro a divulgar o dodecafonismo e firmar posição contra o nacionalismo de Villa-Lobos.

Foi naturalizado brasileiro em 1948 e teve a nacionalidade alemã devolvida em 1953, quando começou suas viagens pelo mundo como diretor do Instituto Goethe. Parou de compor. Dedicou-se ao ensino e à regência.

A partir dos anos 70, instalou-se novamente no Brasil e passou a escrever e compor mais ativamente, tendo incorporado a filosofia e os procedimentos musicais indianos.

Pregou a música experimental durante toda sua vida e, por isso, não gosta quando os vanguardistas afirmam que ela morreu: "O experimentalismo não acabou. A linguagem sonora é uma outra agora. Vai levar muitos séculos para ela se consolidar. Quem diz o contrário não pensou. Esse tipo de visão derrotista vem de músicos que imitam a Europa, sem pensar na própria realidade. E música tem de ser o reflexo da época e da sociedade".

Músico ensinou piano a Tom

Da Reportagem Local

Koellreutter é um dos responsáveis pela formação do espírito experimental na música brasileira erudita e popular. É o grande mestre da renovação. Passou dificuldades como professor, e, ao mesmo tempo, criou quatro gerações de músicos, dos maestros Gaya e Severino Araújo a Karabchewsky e Olivier Toni.

Chegando ao Brasil em 11 de novembro de 1937, deu aulas de música de vanguarda no Conservatório Musical do Rio de Janeiro a Edino Krieger e Claudio Santoro, enquanto, à noite, tocava sambas à flauta e ao sax (que aprendeu com Luiz Americano) no restaurante Danúbio Azul, um cabaré em plena Lapa.

Em 1938, foi expulso do conservatório pelo compositor Lo-

renzo Fernandez, diretor da instituição, sob a alegação de que ele estava desencaminhando os alunos para a música moderna e "pondo de cabeça para baixo o currículo", ensinando contraponto antes de harmonia. Nessa época, iniciou no piano e no contraponto Tom Jobim, que tinha de 11 anos, no Colégio Brasileiro de Ipanema, pertencente aos pais de Tom. "Ele era mocinho, estava começando", conta Koellreutter.

Nos anos 50, fundou a escola de música da Universidade Federal da Bahia e formou lá compositores como Lindembergue Cardoso. Ensinou na UFRJ, UFMG e, há três meses, concluiu uma passagem de três anos pela USP, onde lecionou estética. "Agora sou free-lancer", diz. (LAG)

Obra tenta abolir o tempo

Da Reportagem Local

"Não componho obras para serem tocadas daqui a cem anos", diz Koellreutter. "Joguei muita coisa fora e o que ficou é para uso dos meus alunos, nada mais". Ele considera importantes apenas 32 composições, das centenas que escreveu. Ele as divide em três períodos: "obras tonais", que vão de 1937 a 1939, "dodecafônicas", de 1941 a 1953, e "ensaios seriais e polimétricos", desde 1960. Os sete anos de silêncio entre 1953 e 1960 correspondem ao aprendizado da cultura oriental.

Entre as obras tonais, destacam-se as duas "Sonatas para Flauta e Piano", ao estilo de Hindemith, inédita. A obra dodecafônica mais conhecida é "Mu-

vada. As demais são inéditas. "Acronon" representa a terceira fase do compositor, que iniciou com "Concretion" para orquestra de câmara. Segundo o autor, a obra é ensaio um no "tempo qualitativo e relativo".

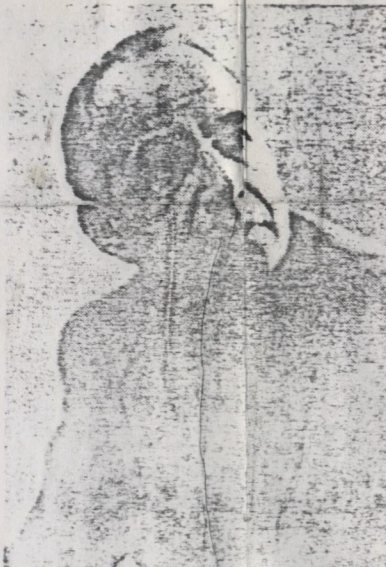
Ela foi estruturada em três grandes movimentos e 23 módulos sonoros, que são combinados aleatoriamente à escolha dos intérpretes. Há solos de piano impressos numa esfera branca de acrílico, que deverá ser manipulada pelo pianista. Hoje, amanhã e domingo, Nahim Marum, 28, vai girar a esfera e escolher as combinações dos 24 módulos, enquanto a orquestra opta por determinada sequência de sons. (LAG)



Koellreutter aos 23 anos, em foto tirada na Alemanha



Em 1948, quando liderava o movimento Música Nova



Lecionando em Nova Délhi, Índia, no final dos anos 50



Ao voltar ao Brasil, em 75.